

mercado

COTAÇÕES/ONTEM

Bovespa	-0,88%
Dólar livre	R\$ 1,684/1,686
Dólar turismo	R\$ 1,590/1,730
Poupança (hoje)	0,5975%
Euro em Londres	1,3884 dólar

PETROBRAS
Por dois dias seguidos, ações têm queda acima de 3%

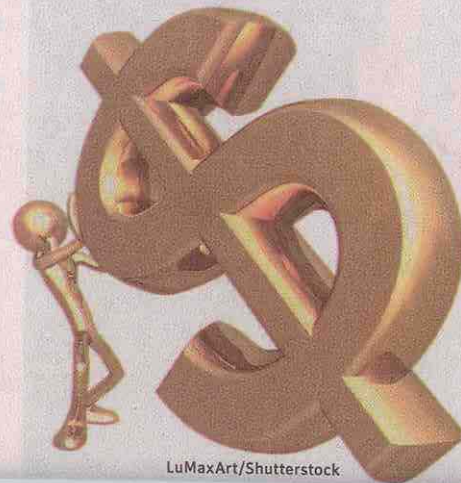
Pág. B10 ▶

O ECOSISTEMA DOS INVESTIMENTOS Recursos de fundos no Brasil crescerão 19%

O que é "venture capital"?
"Venture capital" ou fundos de capital de risco são fundos de investimentos focados em empresas iniciantes

Existem **40** fundos dedicados ao segmento no país

Recursos disponíveis de "venture capital" para empresas no país, em bilhões de US\$



Tipos de "venture capital"

1 Investidor anjo
Aplica recursos próprios (em geral de US\$ 50 mil a US\$ 500 mil por empresa) em negócios embrionários
QUEM FAZ Floripa Angels, Gávea Angels, Bahia Anjos, e São Paulo Anjos

2 Capital semente
Fundo que gere recursos de terceiros para pequenos aportes em empresas em fase pré-operacional para desenvolvimento do negócio
QUEM FAZ Antera, Invest Tech, Criatec, Confrapar

3 Capital para "startups"
Investimento em empresas em fase de estruturação, em geral no primeiro ano de funcionamento
QUEM FAZ Intel Capital, FIR Capital, CRP, JB Partners

4 Capital para amadurecimento
Financiamento de empresas com até quatro anos e faturamento inferior a R\$ 9 milhões
QUEM FAZ Intel Capital, FIR Capital, CRP, JB Partners

Fundo para iniciante chega a US\$ 2,5 bi

Capitais de risco no Brasil para empresas novatas ('startups') crescerão 19% no ano, segundo estudo da FGV

Investimento é feito por 40 fundos, 50% está concentrado no Estado de São Paulo; foco é em tecnologia e consumo

CAMILA FUSCO
DE SÃO PAULO

Os recursos disponíveis como capital de risco, ou venture capital, crescerão 19% neste ano no Brasil e devem atingir US\$ 2,5 bilhões—

R\$ 4,2 bilhões.

Segundo levantamento do Centro de Estudos em Private Equity e Venture Capital da FGV-EAESP, são 40 fundos dedicados ao segmento, de empresas como a Intel Capital, braço de investimentos da gigante de tecnologia.

Também estão incluídos os fundos brasileiros FIR Capital, Confrapar que buscam as empresas iniciantes, as chamadas startups.

Os segmentos favoritos para investimentos dos fundos

de capital de risco são principalmente tecnologia da informação, biotecnologia, telecomunicações e tecnologias limpas.

Os recursos representam cerca de 7% dos US\$ 37 bilhões (R\$ 62,3 bilhões) estimados como capital comprometido pelos fundos em capital de risco como private equity (participação em empresas) no ano.

“Os fundos estão procurando oportunidades em mercados com economia

centrada nas massas e por isso o Brasil está em destaque”, afirma Claudio Furta- do, líder do núcleo de estudos do setor da FGV.

De acordo com Robert Binder, coordenador da ABVCap (Associação Brasileira de Private Equity & Venture Capital), este é um momento favorável de investimento em empresas iniciantes voltadas para a economia real, como aquelas dedicadas a produtos de consumo.

“São empresas com eleva-

do potencial de retorno”, diz.

FUNDOS REGIONAIS

O estado de São Paulo representa cerca de 50% do venture capital no país.

Apesar da grande concentração no estado paulista, alguns fundos regionais começam a surgir principalmente em Minas Gerais e Rio de Janeiro— já responsáveis juntos por 30% dos recursos.

Dois exemplos são os fundos regionais da gestora de recursos Confrapar. O fundo

destinado a Minas Gerais le- va o nome de HorizonTI e tem R\$ 40 milhões de recursos disponíveis, volume dobrado recentemente em virtude das oportunidades encontradas

“Capital de risco exige atenção localizada e tempo para acompanhar de perto as empresas”, diz Carlos Guillaume, diretor da Confrapar.

» LEIA MAIS na pág. B3

Investidores procuram empresários 'flexíveis'

Empreendedor precisa fazer concessões a novos parceiros com "desapego"

Mudar plano de negócios, estudar viabilidade e até trocar nome da empresa fazem parte de acomodação

DE SÃO PAULO

Com a efervescência dos fundos de capital de risco no país, os criadores de companhias iniciantes precisam aprender rapidamente a lidar com os parceiros, especialmente na estruturação de um plano de negócios.

"Ser apaixonado por uma ideia é bom, mas é necessário pesquisa para identificar a viabilidade do negócio de forma que o investidor fique convencido", diz Carlos Guillaume, diretor da Confrapar.

Aprender rapidamente como vender sua ideia foi a tarefa imposta aos sócios Flávio Pripas, 33, e Renato Steinberg, 32, criadores da byMK, primeira rede social dedicada à moda, que recebeu uma proposta de investimento em abril, antes das apresentações formais aos fundos.

"Rapidamente precisamos nos inteirar de detalhes como o valor da empresa e o que estávamos pensando para o negócio", diz Pripas.

As conversas não vingaram, e então, ambos com carreiras em bancos de investimento, Pripas e Steinberg decidiram montar uma rodada de apresentações nos EUA. Foram mais de 20 reuniões e as negociações continuam,

no Brasil e nos EUA.

CONCESSÕES

Empresários que buscam parcerias com fundos de investimento devem estar dispostos a concessões.

Marco Vanossi, 23, criador da startup Pe2, desenvolveu em 2007 um aparelho e um software para incentivar o comércio eletrônico móvel, mas meses depois de pedir a patente, a Apple lançou o iPhone. Depois, veio a App Store, loja de aplicativos.

"Percebi que não fazia sentido ter um aparelho só para fazer as compras online. Poderíamos usar a câmera do iPhone e os aplicativos", diz.

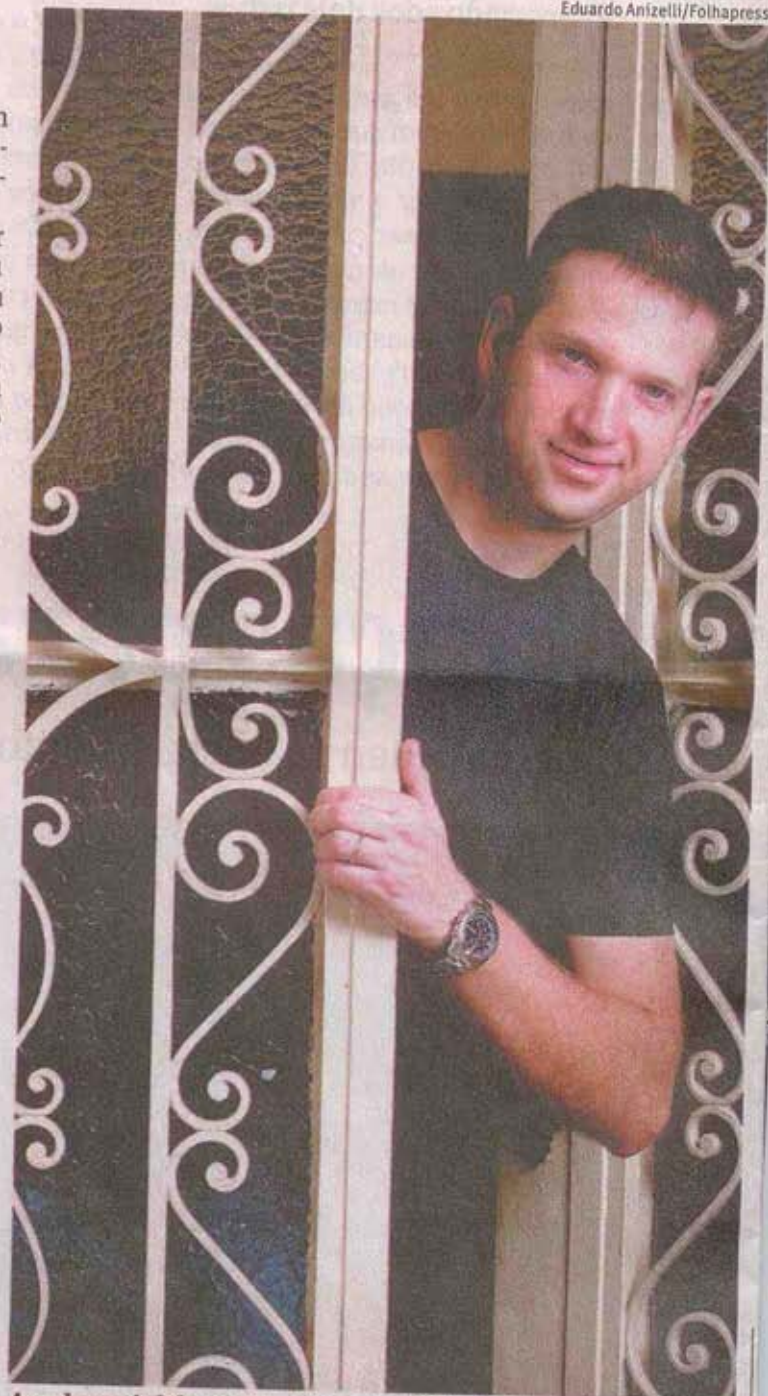
A empresa voltou-se à criação do aplicativo, que alia o uso da câmera do iPhone para capturar a imagem de produtos e fazer a pesquisa em tempo real sobre ele.

Três anos depois, e dez fundos visitados, Vanossi encontrou o apoio do fundo FKO e obteve o aporte na semana passada. O valor não foi divulgado. Durante a negociação, a empresa mudou de nome, de Pe2 a MídiaTech.

O desapego pode não ser fácil, mas quem passou pela experiência aprova as dicas.

"Os fundos já viram muitas empresas nascerem e morrerem e sabem o que pode dar certo", diz Marco Gomes, co-fundador da BooBox, empresa de publicidade em mídias sociais, que recebeu US\$ 300 mil em 2007 do fundo Monashees Capital. (CF)

Eduardo Anizelli/Folhapress



A rede social de moda, criada por Flávio Pripas (acima), já recebeu oferta de compra antes de apresentações

Capital de risco é 'combustível' para pequenas

DE SÃO PAULO

A popularização dos fundos de 'venture capital' aconteceu a partir da década de 70 nos Estados Unidos, com as iniciativas de empresas como Sequoia Capital e Kleiner, Perkins, Caufield & Byers, hoje investidores de grande porte.

A vocação natural dos fundos de capital de risco é investir em empresas nascentes, principalmente em tecnologia e inovação, para fomentar o desenvolvimento de produtos, serviços e modelos de negócios.

O ápice dos investimentos "de risco" aconteceu no fim dos anos 90, junto com o surgimento da bolha da internet e das centenas de startups digitais.

A cultura do venture capital espalhou-se por Europa, especialmente no Reino Unido, e anos depois pela América do Sul, incluindo o Brasil.

Depois do estouro da bolha pontocom, o ritmo dos investimentos em empresas digitais foi reduzido, mas continua a dar espaço a empresas inovadoras.

Entre as empresas que cresceram com recursos de venture capital estão o Twitter, que levantou mais de US\$ 50 milhões e a rede social Facebook, com recursos não divulgados.

Tecnologia para Copa e Olimpíada motivam novos investimentos

DE SÃO PAULO

Os dois grandes eventos previstos para o Brasil nos próximos seis anos, Copa do Mundo, de 2014, e os Jogos Olímpicos, de 2016, já despertam interesse de diversos fundos de capital de risco.

Os investidores estão olhando para empresas de tecnologias que poderão ser aproveitadas pelos eventos.

"Acompanhamos de perto empresas de pequeno e médio portes com disposição para desenvolver sistemas pensando nos dois eventos", diz Marcos Regueira, da FIR Capital.

"Buscamos as startups

que precisem desenvolver sua governança corporativa ou necessitem de apoio estratégico", diz.

Hoje, dos recursos da FIR, 20% são concentrados em startups e 80%, empresas com faturamento até R\$ 150 milhões por ano. O fundo hoje investe em dez empresas.

A Confrapar também olha com atenção empresas digitais que estejam desenvolvendo sistemas para os jogos olímpicos.

Empresas que desenvolvam sistemas digitais de segurança estão no radar e que estejam desde a fase pré-operacional até faturamento de R\$ 2,5 milhões. (CF)